

MEMÓRIA DE MULHER : POÉTICA E CONQUISTA DO ESPAÇO PÚBLICO

Cláudio do Carmo (UESC)

Os estudos pontuais de Maurice Hawbacs (2006) criaram uma espécie de consenso quanto ao processo mnemônico, pois detectaram que a memória individual se constrói a partir de uma memória coletiva. Neste sentido, a percepção da individualidade se estabelece em relação ao social. Considerando as várias possibilidades semânticas relacionadas ao gênero, podemos assegurar em tais construtos típicos individuais uma hierarquia no sentido de uma ascendência do espaço público que infere e constrói o individual.

A constatação de uma distinção de gênero é tão antiga como instigante nas suas premissas. Este processo de distinção e conhecimento pode ser detectado ainda na Grécia Antiga, precisamente na Ilha de Lesbos em 625 a.C, quando fora criado o “Centro para Formação Intelectual da Mulher”, primeiro registro de uma postura política relacionada à mulher que se tem notícia.

Note-se que o espaço público é a esfera por excelência da visibilidade, de distinção, como assegura Habermas (1984:16)

Destaca-se a esfera pública como um reino da liberdade e da continuidade. Só à luz da esfera pública é que aquilo que é consegue aparecer, tudo se torna visível a todos. Na conversação dos cidadãos entre si é que as coisas se verbalizam e se configuram; na disputa dos pares entre si, os melhores se destacam e conquistam a sua essência: a imortalidade da fama.

É neste espaço que o embate entre as memórias e a guerra de poderes se instituem, visto constituir-se num espaço historicamente masculino, em cujo domínio e detenção se revela objetivamente como instância a ser alcançada.

Assim, o confronto é inevitável entre os dois universos de gênero e é este o assento que nortearia todo o processo ao longo dos anos, evidenciado na cena, visto que é no espaço público que se legitima qualquer tipo de representação. É nele que se consolida ou se nega a realização e que dá a noção de reconhecimento.

É exemplar o sentido de legitimação que adquire o espaço público na memória dos tempos. No Brasil são notórios, no início do século XX, os casos de Tarsila do Amaral e Anita Malfatti. E neste sentido devemos destacar que esta conquista da legitimação se dá através de um embate de contornos dramáticos, em que as reações se revelam das mais inexpugnáveis, visto que a ocupação deste lugar “masculino” deflagra uma força repressora que contrasta com as águas pacíficas que aparentam o imaginário. Talvez seja esta a explicação mais plausível para uma reação destemperada, e em tudo condenável, da *querelle* que se envolvem Monteiro Lobato e Anita Malfatti. Estava em jogo aí a detenção de uma representação.

A melhor ilustração para a necessidade de legitimação através do espaço público e o próprio reconhecimento deste espaço como masculino, parece residir em George Sand, pseudônimo de Amandine Aurore Lucile Dupin, autora francesa de romances de folhetim

que viveu entre 1804 e 1876. Esta se vale de um nome masculino como forma libertadora e legitimadora de alcance do reconhecimento como escritora.

Uma lei subliminar e abstrata conduz os critérios para a distinção de gêneros. É uma lei que rege o domínio público, no qual o masculino está relacionado ao sucesso profissional, a ambição boa, a virtude. Em contrapartida, esta mesma lei relega ao domínio privado os elementos de margem pejorativa tais como uma afetividade que se confunde com vulnerabilidade e uma realização familiar que não repercute em mundo universalizante.

Por essa concepção essencialista e universalizante (noção de uma essência feminina imutável e irreduzível), que sustenta o sistema de sexo-gênero, relaciona-se o sexo a conteúdos culturais, de acordo com valores e hierarquias sociais que vêm, historicamente, mantendo as mulheres em posição subalterna e validando sua opressão.

A lei é clara e definida e reflete os conteúdos culturais em voga. Quando a mulher tenta transpô-la, há uma rejeição sistemática dessa ação. Há também uma certa dificuldade da própria mulher em não considerar as vicissitudes culturais que a impelem a um papel arbitrário e definido. Assim, mais das vezes, a entrada da mulher ou, de outro modo, a conquista do espaço público é lido como o aparente fracasso no campo privado. Consubstanciado pela razão hierárquica, que acaba por prevalecer, a mulher se vê refletida no domínio privado com esmagadora naturalidade, daí o domínio do público lhe ser estranho e por vezes lhe parecer antitético.

A esfera privada está ligada à casa não só pelo nome (grego); possuir bens móveis e dispor de força de trabalho tampouco constituem substitutivos para o poder sobre a economia doméstica e a família... A posição na pólis baseia-se, portanto, na posição de déspota doméstico: sob o abrigo de sua dominação, faz-se a reprodução da vida, o serviço das mulheres., transcorrem o nascimento e a morte. (HABERMAS: p.16)

O deslocamento de uma esfera a outra no campo das atuações sociais, faz com a mulher ao se ver no espaço público, marcadamente masculino, tenha uma carga de transformação psíquica que atua sobre seu imaginário no sentido de torná-la pertencente àquele espaço mais legitimamente. Assim, o imaginário masculino, *dono* do espaço público, se esmera em representar esta mulher *deslocada* para um estereótipo que se relaciona ao desempenho do masculino. Dito de outro modo, o imaginário masculino exercendo seu arbítrio de poder transforma essa mulher deslocada em homem para poder legitimá-la. Assim, ela precisará se investir de ferramentas que este próprio masculino lhe disponibiliza.

Na imaginação popular, a mulher bem sucedida é impopular com as mulheres e afugenta os homens e, portanto, tem de sacrificar sua sexualidade se quiser continuar sendo uma boa profissional. Assim, a mulher que trabalha não só tende a ter pouco sucesso como também a sua realização pessoal sofre com isso. A mulher padece dessas duas desvantagens. (MURARO: p.75)

O imaginário popular arbitra à mulher um lugar segmentado e precário que se confunde com sua construção através dos tempos, causando uma enorme repercussão qualquer tentativa de se burlar este espaço que lhe é destinado. O algo inusitado é que este lugar muitas vezes se vê reforçado pelo próprio imaginário feminino que assim, se destitui de seus próprios fundamentos e é apropriado por um campo sobre o qual mantém antinomia num claro embate de poder.

Saliente-se que o embate pela conquista do espaço público é comum a seguimentos que compartilham de históricos de opressão e de desqualificação de suas naturezas constitutivas tais como negros, gays etc.

A escrita feminina, neste sentido, se mostra como um espaço de resistência e instrumento de embate na conquista pelo espaço público. Como uma forma de adequação para sua expressão mais longe, a mulher tem na escrita um instrumento eficaz para busca de detenção de seu espaço, embora muitas vezes este capital não se evidencie como um propósito político.

Os casos de Marta Medeiros e Adélia Prado são exemplares nesta trajetória em que privado e público se confundem e servem de mecanismo invisível na busca pela conquista e penetração em um imaginário construído as suas revelias. Mulheres confessadamente associadas ao lar, tem também na condição geográfica um adendo a este imaginário prevalecente, as duas saem de espaços *ex-cêntricos*: Rio Grande do Sul e Minas Gerais respectivamente, o que acentua a construção doméstica e arcaizante. O aspecto de província relacionado aos dois lugares é traduzido, entre outros aspectos, pelas relações pessoais que se efetivam por uma geografia afetiva que deixa à mostra certa personalidade e proximidades como expressões de feminilidade numa conotação pejorativa. Assim é que ultrapassando o domínio privado, as escritas das duas escritoras se compraz em atingir uma esfera que não lhes pertence segundo a máxima dos imaginários consolidados masculino.

Espírito, se for de Deus, eu adoro, eu adoro,
Se for de homem, eu texto
Com meus seis instrumentos
Fico gostando ou perdôo.
Procuró sol, porque sou bicho de corpo.
Sombra terei depois, a mais fria. (PRADO: p.31)

A procura do sol metaforiza a exteriorização do ser que se quer sair do casulo em que estava envolvida. Da mesma forma, a mirada neste universo masculino pode ser apreendida quando a poetiza contrasta “o reino do céu é semelhante a um homem como você, José.” (PRADO: p.42)

Já em Marta Medeiros as esferas público e privada se tornam mais dramáticas, na medida em que a escritora capitaliza uma confusão típica do cenário contemporâneo, quando as fronteiras entre público e privado se tornam tênues, pra não dizer inexistentes.

A imaginação popular, embora segmentada a uma categoria definida representada pelo universo masculino, tende a acatar as normas de imposição históricas no domínio dos sexos. A construção de uma possibilidade diversa desta, se traduz num embate de proporções ainda um tanto desconhecidas. A poética de Marta Medeiros é singular neste sentido, pois evidencia a conjuntura contemporânea expressa nas modalidades de ocupação que a mulher passa a exercer. Marta se apresenta em seus textos como a mulher típica do espaço privado que transita em direção ao espaço público. Digo transita, visto que é patente

em seus textos, sobretudo crônicas, esta origem no privado. Como que a dizer que continua em si a mulher restrita à família convivendo com a mulher de ofícios da escrita.

Outro caso bastante sintomático patente na poética contemporânea é o de Bruna Lombardi. Apesar de seu rosto bonito e estabelecimento na esfera pública através da atuação de atriz, sua poética se revela como inusitada voz de trânsito entre as possibilidades de ocupação deste espaço. Em “ O perigo do dragão” encontramos os vários aspectos que no conjunto caracterizam a escrita feminina. Há a escrita feminista e por vezes panfletária; a escrita de conotações tradicionais que sustenta uma hierarquia masculina na condução do real; a escrita fêmea em que a feminilidade está profundamente presente nas constatações mais perigosas.

Tenho lutado todos os dias pra ser mulher
No entanto onde nasci os homens têm sempre razão
E eu que não me interesso pela razão mas por outros sentimentos
Teço silenciosamente à porta da minha rua
A trama dos nossos instintos
E minha rua passa por outras cidades
Não há fronteiras
Tecemos todos nós o mesmo fio
Matéria viva da nossa bandeira. (LOMBARDI: p.15)

O texto nos coloca diante de uma postura em que ser mulher é ser consciente do conflito pelo espaço de pertencimento no mundo, desta forma, inscrevendo-se em uma escrita fêmea em que a lucidez se identifica com a feminilidade e conseqüente atenção à realidade que lhe perpassa.

A passagem do espaço privado ao público se dá no trânsito de maturação que a mulher experimenta, enquanto ser consciente e individual (“teço silenciosamente à porta da minha casa”). O signo “porta” funciona aí como um rito de passagem entre privado e público, bem como de uma nova mulher. Mas observemos que este rito não se efetua sozinho, visto que este EU busca “junto a outras mulheres” a solidariedade e o comprometimento não só de uma causa, mas de uma natureza comum. O que há é uma chamamento a uma bandeira invisível que tece a ligação de conquista do espaço público pela mulher.

Ainda é em Bruna Lombardi que podemos encontrar o sintomático derramamento da conquista feminina do espaço público. O que fica claro no poema Via Láctea:

Uma mulher caminha sobre as águas
Ou ameaça se matar
Se esconde às vezes atrás de algum discurso
Precisa urgentemente se posicionar
a qualquer custo, sabe quanto lhe custa seu espaço
traz sua história injusta e agita o braço com
novas bandeiras, e tenta tudo
se deixou cortar durante tento tempo
e agora volta inteira
tenta o orgasmo vaginal e sabe qual aloucura
mora ao lado e às vezes telefona.

Uma mulher nunca foi dona
E agora quer. (LOMBARDI: p.16)

Neste “Via Láctea” há o vislumbre da condição da mulher, da caminhada necessária a sua afirmação como sujeito. Ao mesmo tempo mostra que esta mulher sujeito se esconde ou é abafada em seus desejos e pretensões (“se esconde às vezes atrás de algum discurso”) e por isso mesmo cresce a necessidade de se fazer escutar e se mostrar, de extravasar seu espaço, que não é seu, que lhe foi autoritariamente imposto e assim questiona este espaço (“sabe quanto custa seu espaço”) que como vimos está relacionado ao abandono espaço privado. Esta mulher que tem consciência de sua condição, pois “se deixou cortar durante tanto tempo”, acorda e quer não mais ser do outro (“agora volta inteira”), quer assumir sua individuação como sujeito, resgatar sua autonomia (“uma mulher nunca foi dona e agora quer”).

O estereótipo da mulher construída pelo universo masculino, aquela que tem na sua pertinência a um espaço eminentemente privado sua condição de existência, pode ser detectado no trecho:

Acho que chamava Antonio
Acho até que era meio moreno
Mas pra nenhum eu teria dito aquelas coisas
Que me faziam ficar com febre
(...)
Ele me ergueu, me socorreu, me fez um bem
Ele era esquisito feito um homem. (LOMBARDI: p.21)

Observa-se nos versos entes uma relação de afetividade ou conquista romântica, uma atmosfera de hierarquização (“mas pra nenhum eu teria dito aquelas coisas”) ocultada na intimidade. Na realidade as relações que se apresentam no texto por trás da efetiva amorosidade são as de poder (“que me fazia ficar com febre”), em que o sintoma simbólico da febre ilustra a fraqueza não só de um amor ou paixão, mas do sexo. Por último chega-se à salvação, que como não poderia deixar de ser é encontrada no homem, enquanto simbólico e detentor deste poder (“ele me ergueu, me socorreu, me fez um bem”).

As poéticas de Marta Medeiros, Adélia Prado e Bruna Lombardi trazem, assim à tona, o trânsito e a consciência de conquista de um espaço que se quer público no sentido de abarcar os gêneros. Como modalidades típicas da contemporaneidade, quando as fronteiras são embaraçadas e reduzidas, e onde o que era terreno da dominação se mostra espaço da dúvida e do jogo de memórias e construção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1991.
- BRANCO, Lúcia Castelo et Ruth Silviano Brandão. **A mulher escrita**: Rio de Janeiro, Casa Maria Editorial & LTC, 1989.
- DE LAURETIS, Teresa. As tecnologias do gênero. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de. Org. **Tendências e impasses; o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro; Rocco, 1994, pp. 206-242.)
- HABERMAS, Jurgen. **Mudança estrutural na esfera pública**. Rio de Janeiro, Tempo brasileiro, 1984.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: ed.Centauro, 2006.
- LAURETIS, Teresa. *Boletim do GT A mulher na literatura nº 4*, ANPPOL, UFSC, 1992.
- LOMBARDI, Bruna. **O perigo do dragão**. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- MEDEIROS, Marta. **Poesia reunida**. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- MURARO, Rose Marie. **Os seis meses em que fui homem**. 5ª edição: Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1990.
- PRADO, Adélia. **Bagagem**. Rio de Janeiro: ed. Guanabara, 1986.